

O FEITICEIRO E A BOLA DE CRISTAL

STEPHEN KING

O FEITICEIRO E A BOLA
DE CRISTAL

Tradução de
ROSA AMORIM



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

Este livro é dedicado a Julie Eugley e Marsha DeFilippo. São elas quem dá resposta às cartas que recebemos, e a maior parte da correspondência dos últimos dois anos tem sido sobre Roland de Gilead — o pistoleiro. Basicamente, Julie e Marsha azucrinaram-me para voltar a escrever. Julie, tu azucrinaste-me de maneira mais eficaz, por isso o teu nome vem em primeiro lugar.

INTRODUÇÃO

ACERCA DE TER DEZANOVE ANOS (E MAIS ALGUMAS COISAS)

I

Os *hobbits* estavam na moda quando eu tinha dezanove anos (número com alguma relevância para as histórias que estão prestes a ler).

Devia haver uma meia dúzia de Merrys e Pippins a trabalhar arduamente nos lamaçais da quinta de Max Yagur durante o Grande Festival de Música de Woodstock, o dobro de Frodos e Gandalfs-hippies sem conta. Naquela época, *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien era extraordinariamente popular. E, apesar de eu nunca ter ido a Woodstock (lamentem), julgo que era pelo menos um *hippie halfling*. Era pelo menos um deles, ao ponto de ter lido os livros e de me ter apaixonado por eles. Os livros da Torre Negra, tal como a maior parte dos livros de fantasia escritos por homens e mulheres da minha geração (*The Chronicles of Thomas Covenant*, de Stephen Donaldson, e *The Sword of Shannara*, de Terry Brooks, são apenas dois títulos, entre muitos outros), nasceram do romance de Tolkien.

Mas, apesar de eu ter lido os livros em 1966 e 1967, adiei a escrita. Eu vibrava (com um entusiasmo assaz comovente) perante o apelo da imaginação de Tolkien — a ambição da sua história —, mas queria escrever as minhas próprias histórias. Tivera eu começado naquela época e teria escrito uma história ao estilo dele. Isso, como o falecido

Tricky Dick Nixon gostava de dizer, teria sido errado. Graças ao senhor Tolkien, o século xx teve todos os elfos e feiticeiros de que precisava.

Em 1967, eu não fazia ideia de qual seria o meu tipo de história, mas isso não era importante. Estava certo de que saberia quando isso me surgisse. Tinha dezanove anos e era arrogante. Pelo menos era suficientemente arrogante para achar que podia esperar um pouco pela minha musa e pela minha obra-prima (tinha a certeza de que seria uma obra-prima). Aos dezanove anos, parece-me, tem-se o direito de se ser arrogante. O tempo ainda não deu início às suas subtrações furtivas e desgraçadas. Como diz uma canção *country*, o tempo tira-nos o cabelo e o alcance do salto, mas na verdade leva-nos muito mais do que isso. Em 1966/1967, eu não sabia disso. E se soubesse não me teria importado. Conseguia imaginar-me — dificilmente — com quarenta anos, mas com cinquenta? Não. Sessenta? Nunca! Sessenta anos estava fora de questão. E aos dezanove anos é assim que se deve ser. Dezanove anos é aquela idade em que dizemos ao mundo: *Cuidado, eu estou a fumar TNT e a beber dinamite. Por isso, se te preocupas com a tua integridade, sai-me do caminho. Aqui vai o Stevie.*

Os dezanove anos são uma idade egoísta e as preocupações de uma pessoa são muito circunscritas. Eu tinha um grande alcance e preocupava-me com isso. Tinha muita ambição e preocupava-me com isso. Tinha uma máquina de escrever que levava de um apartamento escabroso para o seguinte, andava sempre com um maço de cigarros no bolso e um sorriso no rosto. As concessões da meia-idade estavam longe, os insultos da velhice estavam fora do meu horizonte. Tal como o protagonista daquela música de Bob Seger que agora se usa para vender carrinhas, eu sentia-me infinitamente poderoso e otimista. Tinha os bolsos vazios, mas a minha cabeça estava cheia de coisas que queria dizer e o meu coração cheio de histórias que queria contar. Agora parece piroso, mas naquela época era uma sensação maravilhosa. Uma sensação porreira. Eu queria, acima de tudo, vencer as defesas dos meus leitores, violentá-las e destroçá-las e mudá-los para sempre apenas por meio de uma história. E achava que era capaz de fazer tais coisas. Sentia que tinha sido *feito* para as fazer.

Até que ponto isso parece presunçoso? Muito ou pouco? Seja como for, não vou pedir desculpa. Eu tinha dezanove anos. Não havia um único pelo branco na barba. Tinha três pares de calças de ganga, um par de botas, a ideia de que o mundo inteiro era a minha casa e nada do que aconteceu nos vinte anos que se seguiram provou que eu estava errado. Foi por volta dos trinta e nove anos que os meus problemas começaram: bebida, drogas, um acidente de viação que mudou (entre outras coisas) a minha maneira de andar. Já escrevi sobre estes acontecimentos exaustivamente e não preciso de me deter sobre eles aqui. Além disso, com vocês é igual, certo? O mundo acaba sempre por nos enviar um polícia mauzão que nos abranda o progresso e mostra quem manda. Você, que está a ler isto, sem dúvida que já encontrou o seu (ou encontraráá). Eu encontrei o meu e tenho a certeza de que ele vai voltar. Ele sabe onde moro. É um tipo mauzão, um agente mau, o inimigo de estimação da patetice, da fornicação, do orgulho, da ambição, da música alta e dos dezanove anos de todas as coisas.

Mas eu continuo a achar que se trata de uma ótima idade. Talvez seja a melhor de todas. Pode-se curtir *rock and roll* a noite inteira, mas, quando a música termina e a cerveja acaba, consegue-se pensar. E sonhar em grande. O polícia mau acaba por nos reduzir à nossa insignificância. Por isso, se começamos por baixo, não nos resta quase nada além das bainhas das calças quando ele acaba o seu trabalho. «Apanhei mais um!», grita ele, enquanto anda por ali às voltas com o livro de notificações na mão. Por isso, um pouco de arrogância (ou até mesmo muita) não é assim tão mau, apesar de certamente as vossas mães lhes terem dito o contrário. A minha disse. *O orgulho precede a queda, Stephen* — dizia-me ela. E eu descobri, por volta da idade dezanove vezes dois, que acabamos por cair, de uma maneira ou de outra. Ou somos empurrados para a sarjeta. Aos dezanove anos, podem pedir-nos os documentos nos bares e dizerem-nos para nos pormos a andar e levarmos a nossa conversa da treta (e o nosso próprio corpinho da treta) de volta para a rua, mas, por amor de Deus, não podem pedir-nos a identificação quando nos sentamos a desenhar, a escrever um poema ou a contar uma história. E se tu que

estás a ler isto fores muito novo, não deixes que os teus anciãos, supostamente teus superiores, te digam outra coisa. Está bem que nunca foste a Paris. E não, nunca correste com os touros em Pamplona. Sim, és um pirralho que até há três anos não tinha pelos nas axilas, mas e depois? Se não começares por ser grande demais para as tuas bermudas, como vais preenchê-las quando cresceres? Deixa a coisa estourar, independentemente do que as pessoas te disserem, é o que eu acho. Senta-te e *fuma* isso, pá.

II

Eu acho que os romancistas podem ser de dois tipos, um dos quais é aquele romancista novato que eu era em 1970. Aqueles que são talhados para o lado mais literário ou «sério» da função analisam todos os temas possíveis à luz da seguinte pergunta: *O que iria significar para mim escrever esta história?* Aqueles cujo destino (ou o *ka*, se preferirem) é ingressar na escrita de romances populares, tem tendência para apresentar a si mesmos uma questão diferente: *O que significaria para os outros eu escrever esta história?* O romancista sério procura respostas e chaves para o próprio, o «popular» procura uma audiência. Ambos os tipos de escritor são igualmente sérios. Eu conheci bastantes e posso garantir-lhes que assim é.

Seja como for, creio que, mesmo quando tinha dezanove anos, reconheci que a história de Frodo e dos seus esforços para se libertar do Grande Anel do Poder pertencia à segunda categoria. Tratava-se das aventuras de um grupo de peregrinos tipicamente britânicos, inseridos num contexto mitológico vagamente nórdico. Eu gostava da ideia da demanda — na verdade, *adorava-a* — mas não me interessavam nem as personagens de camponeses robustos de Tolkien (isso não quer dizer que não gostasse delas, porque gostava), nem os cenários de bosques escandinavos. Se tivesse tentado seguir essa direção, teria feito tudo mal.

Por isso, esperei. Em 1970 tinha vinte e dois anos. Apareceram-me os primeiros pelos brancos na barba (julgo que fumar dois maços e meio de *Pall Mall* por dia é capaz de ter tido algo que ver com

isso), mas mesmo aos vinte e dois anos ainda nos podemos dar ao luxo de esperar. Aos vinte e dois anos o tempo ainda joga a nosso favor, apesar de nessa altura o polícia mau já andar pelas redondezas a fazer perguntas.

Foi nessa altura que, numa sala de cinema praticamente vazia (o Bijou, em Bangor, no Maine, se isso for importante), vi um filme realizado por Sergio Leone. Chamava-se *O Bom, o Mau e o Vilão* e, ainda antes de o filme ter chegado ao meio, percebi que o que queria escrever era um romance que tivesse o espírito de demanda e a magia de Tolkien, mas inserido no contexto quase absurdamente majestoso do *western* de Leone. Se só viste este *western* bizarro no ecrã da tua televisão, não percebes do que estou a falar — peço perdão, mas é a verdade. Num ecrã de cinema, projetado pelas lentes da Panavision certas, *O Bom, o Mau e o Vilão* é um épico que rivaliza com *Ben-Hur*. Clint Eastwood parece medir uns cinco metros e cada pelo espetado da sua barba parece aproximadamente do tamanho de uma árvore de pau-rosa. Os sulcos que ladeiam a boca de Lee Van Cleef são profundos como desfiladeiros e, na base de cada um deles podia haver um vale (ver *O Feiticeiro e a Bola de Cristal*). As paisagens do deserto parecem estender-se pelo menos até à órbita do planeta Neptuno. E o cano de cada uma das armas parece ter aproximadamente o diâmetro do Holland Tunnel.

O que eu desejava, ainda mais do que o cenário, era aquela sensação de dimensão épica, apocalítica. Que Leone não percebesse a ponta de um chavelho de geografia dos Estados Unidos (segundo uma das personagens, Chicago ficava algures nas proximidades de Phoenix, no Arizona) só vem acrescentar ao magnífico sentido de desadequação do filme. E em todo o meu entusiasmo — daquele tipo que penso que apenas uma pessoa jovem consegue exibir — eu queria não só escrever um livro grande, mas sim o maior romance popular de sempre. Não consegui esse feito, mas acho que me saí bem. Os sete volumes da Torre Negra compreendem, na verdade, uma história única e os primeiros quatro livros somam pouco mais de duas mil páginas na edição em capa mole. Os restantes três volumes aproximam-se das duas mil e quinhentas páginas de manuscrito. Não estou a tentar advogar que a quantidade se relaciona, de modo

algum, com a qualidade. Só estou a afirmar que queria escrever um épico e, em certos sentidos, fui bem-sucedido. Se me perguntarem porque queria eu fazer isso, não lhes sei responder. Talvez faça parte de crescer americano. Fazer a construção mais alta, escavar o buraco mais fundo, escrever o texto mais longo. E a sensação intrigante que surge quando somos questionados acerca da nossa motivação? Parece-me que isso também faz parte de ser americano. No final de contas, resumimos tudo com um *Pareceu-me ser uma boa ideia na altura*.

III

Outra coisa que sucede aos dezanove anos, fiquem a saber. É nessa idade, penso eu, que muitos de nós ficamos bloqueados (mentalmente, emocionalmente e talvez até mesmo fisicamente). Os anos passam e um dia damos por nós a olhar para o espelho verdadeiramente intrigados. *O que estão estas rugas a fazer na minha cara? De onde veio esta horrível barriga de cerveja? Caramba, só tenho dezanove anos.* Não se trata de modo algum de um conceito novo, mas isso não retira nada à estupefação que se sente.

O tempo pinta-nos a barba de cinzento, reduz-nos o alcance do salto e pensamos sempre — que patetas somos — que ele continua do nosso lado. O nosso lado racional sabe mais, mas o coração recusa-se a acreditar. Se tiveres sorte, o polícia que te notificou por conduzires depressa demais e por te divertires muito oferece-te uma dose de sais de frutos. Foi mais ou menos isso que me aconteceu perto do final do século xx. O acontecimento assumiu a forma de uma carinha *Plymouth* que me atirou para a vala de uma estrada, na minha terra.

Cerca de três anos depois desse acidente, dei uma sessão de autógrafos do livro *Buick 8: Um Carro Perverso*, numa loja da Borders, em Dearborn, no Michigan. Houve um tipo que, ao chegar a sua vez, me disse que estava mesmo muito feliz por eu ter sobrevivido (dizem-me isto muitas vezes e é muito melhor do que «Por que raio não morreste?»).

— Eu estava com um grande amigo meu quando ouvimos dizer que tinhas sido abalroado — disse-me ele. — Eh pá, começámos a

abandar a cabeça e a dizer: «Lá se vai a Torre. Está a abanar, está a cair, ah, merda, ele *nunca* vai acabá-la.»

Tinha-me passado pela cabeça uma ideia parecida — a ideia perturbadora de que, ao ter construído a Torre Negra na imaginação coletiva de milhões de leitores, eu era capaz de ter a responsabilidade de a manter a salvo enquanto as pessoas quisessem ler a respeito dela. Isso podia durar cinco anos como podia durar quinhentos. As histórias fantásticas, tanto as más como as boas (neste preciso momento, é capaz de haver alguém por aí a ler *Varney, the Vampire* ou *O Monge*) parecem perdurar por muitos anos nas prateleiras. A forma de Roland proteger a torre é tentando eliminar a ameaça dos Feixes que a mantém em pé. Depois do acidente, percebi que tinha de fazer isso, terminando a história do pistoleiro.

Durante as longas pausas entre a escrita e a publicação dos quatro primeiros volumes da Torre Negra, recebi centenas de cartas do tipo «prepara-te para mais uma viagem ao mundo da culpa». Em 1998 (quando, por outras palavras, eu trabalhava tendo a impressão de que basicamente ainda tinha dezanove anos), recebi uma missiva de uma «Avozinha de 82 anos, não quero incomodá-lo com os meus problemas, MAS estou muito doente». A avozinha dizia-me que provavelmente só tinha um ano de vida («14 meses, na melhor das hipóteses; tenho um cancro espalhado pelo corpo todo») e que, apesar de não estar à espera que eu terminasse a história de Roland em tão pouco tempo apenas por sua causa, queria saber se eu podia contar-lhe, por favor (por favor), como acabava. A linha que me partiu o coração (apesar de não ter sido suficiente para eu recomençar a escrever) foi a sua promessa de «não contar a ninguém». Um ano mais tarde — provavelmente depois do acidente que me atirou para uma cama de hospital — uma das minhas assistentes, Marsha DiFilippo, recebeu uma carta de um tipo que estava no corredor da morte no Texas ou na Florida e que queria saber precisamente o mesmo, como a saga terminava. (Prometeu levar o segredo com ele para o túmulo, o que me provocou arrepios.)

Eu teria dado a ambos o que eles desejavam — um resumo das próximas aventuras de Roland — se pudesse fazê-lo. Mas a verdade

é que não podia. Eu não fazia ideia do que iria acontecer ao pistoleiro e aos amigos dele. Para saber, tenho de escrever. Em tempos cheguei a ter um esboço, mas perdi-o pelo caminho. (De qualquer maneira, não devia valer um chavo). Tudo o que eu tinha eram alguns apontamentos («Dezassete, dezoito, dezanove, cesto assim-assim» — diz um deles, que ainda se encontra em cima da minha secretária enquanto escrevo isto. Ao fim de algum tempo, desde julho de 2001, recomecei a escrever. Nessa altura estava já ciente de não ter dezanove anos e não estar imune a nenhuma das maleitas que ameaçam a carne. Sabia que iria ter sessenta anos, talvez até setenta. E queria acabar a minha história antes de o polícia mauzão me visitar pela última vez. Não tinha vontade de ser arquivado ao pé dos *Contos da Cantuária* ou do *Mistério de Edwin Drood*).

O resultado — para o bem ou para o mal — encontra-se diante de ti, Leitor Fiel, quer, ao leres isto, estejas a começar o primeiro volume ou a preparares-te para ler o quinto volume. Quer a ames ou a odeies, a história de Roland está agora concluída. Espero que gostes.

Quanto a mim, nunca me diverti tanto.

Stephen King
25 de janeiro de 2003

ARGUMENTO

O *Feiticeiro e a Bola de Cristal* é o quarto volume de uma história mais longa inspirada por *Childe Roland to the Dark Tower Came*, um poema narrativo de Robert Browning.

O primeiro volume, *O Pistoleiro*, conta como Roland de Gilead persegue e por fim alcança Walter, o homem de negro, que fingiu ser amigo do pai de Roland mas que, na verdade, servia Marten, um grande feiticeiro. Apanhar o semi-humano Walter não é o objetivo de Roland, mas tão-só um meio para o seu fim: Roland quer chegar à Torre Negra, onde espera que se possa deter a rápida destruição do Mundo Médio, talvez até torná-la reversível.

Roland é uma espécie de cavaleiro, o último da sua estirpe, e, quando o conhecemos, a Torre é a sua obsessão, a sua única razão de viver. Ficamos a saber de uma precoce prova de maturidade que lhe foi imposta por Marten, que lhe seduziu a mãe. Marten espera que Roland falhe a prova e seja «enviado para Ocidente», depois de lhe serem negadas para sempre as armas do pai. Roland, contudo, deita por terra os planos de Marten ao passar no teste... resultado sobretudo da sua inteligente escolha de arma.

Descobrimos que o mundo do pistoleiro está relacionado com o nosso de um modo fundamental e terrível. Essa ligação é revelada pela primeira vez quando Roland conhece Jake, um menino da Nova Iorque de 1977, num abandonado deserto. Existem portas entre o mundo de Roland e o nosso; uma delas é a morte, e é assim que Jake chega pela primeira vez ao Mundo Médio, empurrado para a Forty-Third Street e atropelado por um carro. Quem o empurrou foi um

homem chamado Jack Mort... só que a coisa que se escondia dentro da cabeça de Mort e lhe guiava as mãos assassinas naquele momento em particular era Walter, o velho inimigo de Roland.

Antes que Jake e Roland alcancem Walter, Jake torna a morrer... desta vez porque o pistoleiro, confrontado com a angustiante escolha entre aquele filho simbólico e a Torre Negra, escolhe a Torre. As últimas palavras de Jake antes de mergulhar no abismo são: «Então vai, há outros mundos para além deste.»

O confronto final entre Roland e Walter ocorre perto do mar Ocidental. Durante uma longa noite de conversa, o homem de negro revela o futuro de Roland com um estranho baralho de tarô. Principalmente três cartas — o Prisioneiro, a Senhora das Sombras e a Morte («mas não para ti, pistoleiro») — recebem especial destaque ao serem apresentadas a Roland.

O segundo volume, *A Escolha dos Três*, começa à beira do mar Ocidental, não muito depois de Roland despertar do confronto com a sua velha némesis e descobrir que Walter está morto há muito, não passando de mais ossos num lugar de ossos. O exausto pistoleiro é atacado por uma horda de «lagostosidades» carnívoras e, antes de lhes conseguir escapar, é seriamente ferido, ficando sem os primeiros dois dedos da mão direita. É também envenenado pelos ferimentos das tenazes e, ao retomar a viagem para norte, ao longo do mar Ocidental, está a adoecer... talvez a morrer.

Ao longo do caminho, depara com três portas que se erguem abertamente na praia. Dão para a nossa cidade de Nova Iorque em três *quandos* diferentes. De 1987, Roland traz Eddie Dean, um prisioneiro da heroína. De 1964, traz Odetta Susannah Holmes, uma mulher que perdeu a parte inferior das pernas num infeliz acidente no metro... que não foi um acidente. Na verdade ela é a Senhora das Sombras, com uma segunda personalidade perversa oculta dentro da jovem negra, ativa no plano social, que os amigos conhecem. Essa mulher latente, a violenta e engenhosa Detta Walker, está decidida a matar Roland e Eddie quando é levada pelo pistoleiro para o Mundo Médio.

Entre estes dois, mais exatamente em 1977, Roland entra na mente diabólica de Jack Mort, que fez mal a Odetta/Detta não uma,

mas duas vezes. «Morte», tinha o homem de negro dito a Roland, «mas não para ti, pistoleiro.» E Mort não é o terceiro profetizado por Walter; Roland impede Mort de assassinar Jake Chambers e pouco depois Mort morre debaixo das rodas do mesmo comboio que levava as pernas de Odetta em 1959. Roland não consegue portanto levar o psicótico para o Mundo Médio... Mas pensa: de qualquer maneira, quem iria querer uma tal criatura?

Há contudo um preço a pagar pela rebelião contra um futuro profetizado; não é sempre assim? Ka, *larva*, podia ter dito Cort, o velho mestre de Roland. *É assim a grande roda, que não para de girar. Não se ponham à frente dela ou serão esmagados, perdendo de vez os cérebros estúpidos e os sacos inúteis de tripas e água.*

Roland acha que talvez já tenha puxado os três com Eddie e Odetta, uma vez que Odetta é uma personalidade dupla, mas quando Odetta e Detta se fundem em Susannah (graças, em grande parte, ao amor e à coragem de Eddie Dean), o pistoleiro percebe que não é esse o caso. Percebe ainda outra coisa: está a ser atormentado por memórias de Jake, o rapaz que, ao morrer, falara de outros mundos. Na realidade, metade da mente do pistoleiro acredita que o rapaz nunca existiu. Ao impedir que Jack Mort empurrasse Jake para a frente do carro destinado a matá-lo, Roland criara um paradoxo temporal que está a dar cabo dele. E que, no nosso mundo, está a dar cabo também de Jake Chambers.

As Terras Devastadas, o terceiro volume da série, começa com esse paradoxo. Depois de matar um urso gigantesco chamado Mir (pelo povo antigo que vivia com medo dele) ou Shardik (pelos Grandes Anciãos que o construíram... pois o urso é afinal um ciborgue), Roland, Eddie e Susannah seguem o rasto do animal e descobrem o Caminho do Feixe de Luz. Existem seis feixes desses, que correm entre os doze portais que marcam os limites do Mundo Médio. No ponto onde os feixes se cruzam — no centro do mundo de Roland, talvez o centro de todos os mundos — o pistoleiro crê que ele e os seus amigos encontrarão por fim a Torre Negra.

Eddie e Susannah já não são prisioneiros no mundo de Roland. Apaixonados e a caminho de se tornarem eles próprios pistoleiros,

participam plenamente na demanda e seguem-no de livre vontade pelo Caminho do Feixe de Luz.

Num círculo falante não muito longe do Portal do Urso, o tempo é consertado, o paradoxo termina e o *verdadeiro* terceiro elemento é finalmente puxado. Jake reentra no Mundo Médio no momento de conclusão de um perigoso rito em que todos os quatro — Jake, Eddie, Susannah e Roland — lembram os rostos dos seus pais e se absolvem com honra. Pouco depois, o quarteto torna-se um quinteto, quando Jake trava amizade com um bumbler. Os bumlbers, que parecem uma mistura de texugo, guaxinim e cão, têm uma capacidade de fala limitada. Jake chama Oi ao seu novo amigo.

O caminho dos peregrinos leva-os a Lud, um deserto urbano onde os sobreviventes degenerados de duas antigas fações, os Pubes e os Cãs, mantêm vivos os vestígios de um antigo conflito. Antes de chegarem à cidade, passam por uma pequena vila chamada River Crossing, onde ainda se encontram alguns velhos residentes. Reconhecem em Roland um sobrevivente dos velhos tempos, antes de o mundo ter avançado, e prestam-lhe homenagem e aos seus companheiros. Depois, os velhos falam-lhes do comboio de um monocarril que talvez ainda faça o percurso de Lud para as terras devastadas, ao longo do Caminho do Feixe de Luz e em direção à Torre Negra.

Jake fica assustado com a notícia, mas não surpreso; antes de ser puxado de Nova Iorque, tinha arranjado dois livros na livraria de um homem com o provocante nome de Calvin Tower. Um deles é um livro de adivinhas, com a página das respostas rasgada. O outro, *Charlie Pouca-Terra*, é uma história infantil sobre um comboio. Uma historiazinha engraçada, diria a maior parte... mas, para Jake, há qualquer coisa em Charlie que não é nada engraçada. Alguma coisa assustadora. Roland percebe outra coisa: na linguagem erudita do seu mundo, a palavra *char* significava morte.

A tia Talitha, a matriarca dos de River Crossing, dá a Roland uma cruz de prata e os viajantes seguem o seu caminho. Antes de chegarem a Lud, encontram um avião despenhado do nosso mundo: um caça alemão dos anos 30. Preso na cabina está o cadáver mumificado de um homem gigantesco, quase certamente David Quick, um fora da lei meio mítico.

Ao atravessarem a ponte deteriorada sobre o rio Send, Jake e Oi quase perdem a vida num acidente. E enquanto Roland, Eddie e Susannah estão distraídos com o sucedido, o grupo é emboscado por um fora da lei moribundo (e muito perigoso) chamado Gasher. Ele sequestra Jake e leva-o pelos subterrâneos até ao Homem do Tiquetaque, o último dirigente dos Cãs. O verdadeiro nome de Tiquetaque é Andrew Quick; é bisneto do homem que morreu ao tentar aterrar um avião vindo de outro mundo.

Enquanto Roland (ajudado por Oi) vai atrás de Jake, Eddie e Susannah encontram o Berço de Lud, onde o Mono Blaine desperta. Blaine é a última peça à superfície do vasto sistema informático que jaz sob a cidade de Lud e só lhe resta um interesse: adivinhas. Promete levar os viajantes até ao fim da linha do monocarril se eles conseguirem resolver uma adivinha que ele propõe. Caso contrário, diz Blaine, a única viagem que vão fazer é até à clareira onde o caminho termina... por outras palavras, até à morte. Nesse caso, terão muita companhia, pois Blaine planeia libertar as reservas de gás que afeta o sistema nervoso, o que matará todos os que restam em Lud: sejam Pubes, Cãs ou pistoleiros.

Roland resgata Jake, deixando o Homem do Tiquetaque como morto... mas Andrew Quick não morre. Meio cego, de rosto horriavelmente desfigurado, é salvo por um homem que diz chamar-se Richard Fannin. Contudo, Fannin também se identifica como o Estranho sem Idade, um demónio sobre o qual Walter tinha avisado Roland.

Roland e Jake juntam-se a Eddie e a Susannah no Berço de Lud, e Susannah — com uma pequena ajuda «daquela cabra» da Detta Walker — consegue resolver a adivinha de Blaine. Conquistam o seu acesso ao mono, ignorando por via da necessidade os avisos horrorizados do sub-ego saudável, mas letalmente enfraquecido, de Blaine (Eddie chama a essa voz Pequeno Blaine), mas não tardam a descobrir que Blaine pretende cometer suicídio com todos a bordo. Que a mente que comanda o monocarril se encontra em computadores que vão ficando cada vez mais para trás, funcionando sob uma cidade que se transformou num matadouro, não fará diferença quando a bala cor-de-rosa descarrilar algures na linha a uma velocidade superior a 1200 quilómetros por hora.

Existe uma única possibilidade de sobrevivência: a paixão de Blaine pelas adivinhas. Roland de Gilead sugere uma proposta desesperada. É com esta proposta que termina *As Terras Devastadas*; é com esta proposta que *O Feiticeiro e a Bola de Cristal* começa.

ROMEU: Senhora, eu juro por aquela lua abençoada,
Que cobre de prata a copa de todas estas árvores de fruta...

JULIETA: Oh, não jures pela lua, a inconstante lua,
Que todos os meses muda no círculo da sua esfera,
A menos que seja igualmente mutável o teu amor.

ROMEU: Por que devo eu jurar?

JULIETA: Não jures sequer.
Ou, se o desejares, jura por teu nobre ser,
Que é o deus de minha idolatria,
E em ti acreditarei.

— William Shakespeare,
Romeu e Julieta

No quarto dia, para grande alegria de Dorothy, Oz mandou-a chamar e, quando ela entrou na Sala do Trono, cumprimentou-a cordialmente.

— Senta-te, minha querida. Acho que descobri uma maneira de te tirar deste país.

— E de voltar ao Kansas? — perguntou ela, ansiosa.

— Bem, não tenho a certeza quanto ao Kansas — disse Oz —, pois não faço a mínima ideia de para onde fica...

— L. Frank Baum,
O Feiticeiro de Oz

Pedi o esboço de uma visão antiga, mais feliz
Para que bem conseguisse desempenhar o meu papel.
Pensar primeiro, lutar depois: eis a arte do soldado:
Um toque de outros tempos tudo pode consertar.

— Robert Browning,
«Childe Roland à Torre Negra Chegou»

PRÓLOGO

BLAINE

— PERGUNTEM-ME UMA ADIVINHA — pediu Blaine.

— Vai-te foder — disse Roland. Não ergueu a voz.

— O *QUE FOI QUE DISSESTE?* — Na sua notória descrença, a voz do Grande Blaine aproximara-se mais uma vez da do seu insuspeitado gémeo.

— Disse que te fosses foder — disse Roland, calmamente —, mas se ficaste confuso, Blaine, posso ser mais claro. Não. A resposta é não.

Não houve resposta de nenhum dos Blaines durante muito tempo e, quando o Grande Blaine respondeu, não foi com palavras. Em vez disso, as paredes, o piso e o teto começaram novamente a perder a cor e a solidez. No intervalo de dez segundos, a Carruagem do Baronato deixara mais uma vez de existir. O mono voava agora por entre a cadeia de montanhas que tinham visto no horizonte; picos cinzentos do tom do ferro precipitavam-se para eles a uma velocidade suicida, depois afastavam-se e revelavam vales estéreis onde besouros gigantes rastejavam como tartarugas presas à terra. Roland viu uma coisa que parecia uma enorme cobra desenrolar-se de súbito da entrada de uma gruta. Apanhou um dos besouros e arrastou-o para a sua cova. Roland nunca na vida vira um campo ou animais daqueles, e a visão fez a pele do seu corpo querer deixar a carne. Era como se Blaine os tivesse transportado para outro mundo.

— TALVEZ EU NOS DEVESSE DESCARRILAR AQUI — disse Blaine. A voz era meditativa, mas o pistoleiro ouvia uma raiva subliminar profunda, pulsante.

— Talvez sim — disse o pistoleiro com indiferença.

O rosto de Eddie estava frenético. Formou com a boca as palavras: *O que estás a FAZER?* Roland ignorou-o; estava completamente ocupado com Blaine, e sabia perfeitamente o que estava a fazer.

— ÉS RUDE E ARROGANTE — disse Blaine. — ESSAS CARACTERÍSTICAS PODEM PARECER INTERESSANTES AOS TEUS OLHOS, MAS AOS MEUS NÃO SÃO.

— Ah, eu posso ser muito mais rude do que tenho sido.

Roland de Gilead descruzou as mãos e levantou-se devagar. Pareceu ficar de pé sobre nada, de pernas afastadas, a mão direita na anca e a esquerda na coronha de sândalo do revólver. Postava-se como tantas vezes antes, nas ruas poeirentas de uma centena de pequenas cidades esquecidas, numa dezena de desfiladeiros cercados de rochedos, em inúmeros cabarés com os seus cheiros de cerveja azeda e comidas fritas frias. Era apenas mais um acerto de contas numa outra rua deserta. Só isso, e bastava. Era *kebef*, *ka* e *ka-tet*. Que o momento do acerto de contas vinha sempre era um fator central da sua vida e o eixo sobre o qual girava o seu próprio *ka*. Que desta vez a batalha fosse travada com palavras em vez de balas não fazia diferença; seria na mesma uma batalha até à morte. O fedor de morte no ar era tão forte e definido como o de carniça num pântano. Descia então o furor da batalha, como sempre acontecia... e ele deixava de estar ali para si mesmo.

— Posso chamar-te máquina absurda, desmiolada, pateta e arrogante. Posso chamar-te criatura estúpida e insensata, cujo tino não passa do barulho de um vento de inverno numa árvore oca.

— PARA COM ISSO!

Roland prosseguiu no mesmo tom sereno, ignorando completamente Blaine.

— Infelizmente, a minha capacidade de ser rude está limitada, uma vez que não passas de uma máquina... aquilo a que o Eddie chama «engenhoca». Se fosses mais do que isso, eu podia ser mais rude ainda.

— EU SOU MUITO MAIS DO QUE UMA MERA...

— Não te posso chamar lambe-pilas, por exemplo, porque não tens nem boca nem pila. Não posso dizer que és o mais vil dos miseráveis que alguma vez rastejaram nas sarjetas da rua mais baixa da criação, porque até uma criatura dessas é melhor do que tu; não tens joelhos para rastejar e não cairias sobre eles mesmo que tivesses, porque não tens noção de uma falha humana como a piedade. Não te posso sequer chamar filho da puta, porque não tens mãe.